



Tiãozinho e Justininha

Salve Deus!

Meu filho Jaguar:

Em uma bela Fazenda situada no município de Ponta Porá, Estado do Mato Grosso, tendo como proprietário o Sr. Germano Perez, com sua esposa Dona Guiomar Perez e seus três filhos...

Sua filha mais velha, bela mocinha nos seus 14 anos de idade, cabelos compridos e louros, olhos negros “rasgados”; a bela jovem chamava-se Justininha Perez.

Ali vivia em completa harmonia esta honesta família. O Sr. Germano tinha grandes negócios de animais em criação de variável qualidade. Apesar de sua nacionalidade paraguaia, já sentia-se naturalizado brasileiro.

Em 1915, eu, Sebastião Quirino de Vasconcelos nos meus 18 anos de idade, filho de dois velhos fazendeiros de Mato Grosso, Joaquim de Vasconcelos e minha mãe, Dona Persínia Quirino de Vasconcelos. Meus pais muito me amavam, por ser eu firme administrador dos nossos bens...

Certo dia então, meu pai chamou-me e deu-me uma quantia em dinheiro dizendo:

- Meu filho, já tens um pouco de estudo e melhor seria para nós se não precisasse sair daqui. Porém, podias ir até Ponta Porá comprar uma partida de gado e soltar nestas invernadas. Esta é a melhor maneira de empregar o teu dinheiro. Dizem que na Fazenda Perez, tem um gado sadio e por bom preço. Sim meu filho, em breve casará e deves desde já cuidar do teu futuro. Vá meu filho, aproveita estas invernadas.

Três dias depois destes conselhos, equipei uma tropa de bons animais, com 5 vaqueiros armados com seus Bacamartes(1) de chumbo grosso. Sim, era muito perigosa aquela região, infestada de onças traçoeiras... Levei também dois Comandantes, peritos em guiar boiadas e um crioulinho por nome Zeferino, de minha inteira confiança, pois o mesmo fora criado junto comigo fazendo nos considerar irmãos. Porém, eu era bem claro e ele pretinho como piche. Levamos cargueiros com apetrechos de cozinha. Com a bênção dos meus pais, as recomendações de minha boa mãe, partimos com destino a Ponta Porá.

Gastamos longos 20 dias. Ficamos conhecendo uma porção de lugarejos, onde parávamos para descansar os animais...

Muitas moças namorei na minha bela idade.

Então chegamos na bem formada Fazenda de criações. Ao chegarmos fomos recebidos por um senhor gordo, de aspecto bonachão. Veio ao nosso encontro dizendo ser o Sr. Germano. Mandou-nos entrar e deu ordens para nos servir o jantar. Depois fomos nos sentar na ampla sala de visitas, quando entrou uma mocinha com belas tranças, em sua graça angelical. O senhor Germano disse:

- Justininha, minha filha! Venha até aqui conhecer estes cidadãos. E, apresentando sua filha, nos disse em seguida: - Esta é a minha filha mais velha; ela, coitadinha, é muito acanhada e não gosta de festas, não sai de casa a não ser na casa de sua tia, muito sistemática esta menina. Todos pegaram sua mão em cumprimento. Porém, ao chegar diante de mim, olhamo-nos como se já tivéssemos nos visto em outras eras. Senti arrepios percorrerem todo meu corpo.

Depois de passar aquelas primeiras horas, o senhor Germano propôs com Dona Guiomar, que era também uma senhora muito alegre, dizendo:

- Vamos pegar os instrumentos e cantar até a hora de dormir. Todos apoiamos a boa idéia. Vieram alguns tocadores, chegaram também algumas mocinhas. Todos cantavam enquanto os donos da casa, muito alegres, serviam bebidas, doces, biscoitos...

Passado algum tempo, ouviu-se uma exclamação do velho fazendeiro ao deparar-se com sua filha Justininha ali sentada. Sim, pois não era seu costume permanecer em reuniões daquela espécie. O senhor Germano muito satisfeito com a transformação de sua filha, disse:



- Justininha agora vai cantar uma canção oferecida aos viajantes! Ela, muito acanhada, chegou perto de um violonista e começou:

*Meu amor nunca chega
Eu me canso de espera
A garça branca me disse
Que ele não ia demorar*

*Papaizinho me consola
Garça branca vai buscar
Não é mentira do papai
Meu amor já vem pra cá*

Todos batemos palmas. Era uma criança aquela bela criaturinha. Depois pediram que eu cantasse. Eu que já me sentia todo apaixonado pela bela Justininha, segurei o violão e comecei:

*Morena minha morena
Morena dos sonhos meus
Lábios da cor de verbena(2)
Morena dos olhos meus
Deus por te fazer criança
Deu-te entre as flores mais belas
Dando tua alma de esperança
O teu olhar de estrelas
Quero dormir em teus braços
Aos gozos do coração
Minha alma assim não resiste
Com tanta ingratidão*

*No mar de tuas madeixas(3)
Quisera me naufragar
Teus olhos negros me matam
De singeleza sem par*

Ao terminar todos vieram cumprimentar-me e o senhor Germano disse:

- Jovem! Tens uma bela voz. Acredito mesmo que deixou muitos corações apaixonados...

Hora de dormir, todos foram se retirando e eu fiquei ali junto de uma fogueira ainda meio acesa. Cheguei a distrair-me pensando: É verdade. Sempre sonhei com uma criatura como esta. Sinto mesmo ter matado toda a saudade que vivia alimentando sem mesmo saber por quem. E, com toda aquela paixão, continuava com meus pensamentos quando senti a presença de alguém chegando às minhas costas. Virei-me e qual não foi a minha surpresa... Ali estava ela com sua saia bem comprida, seus cabelos soltos a uma echarpe(4).

Senti fraquejar as pernas. Se não estivesse sentado, por certo teria caído. Ela disse: - Meu paizito mandou-me vir ter contigo, porque disse que tu és jovem de bela família e sente-se triste aqui entre nós. Depois com uma “falinha” angelical continuou: Sabe senhor Sebastião, eu quero que o senhor cante novamente aquela canção, gostei tanto! E escondendo seu lindo rostinho perguntou: - Foi para mim que o senhor cantou? Se foi para mim, recite-a agora, sem música, quero ouvi-la novamente.



Eu que não tirava os olhos daquela pequena fada, disse: - Dona Justininha, a senhora quando cantou, disse que seu amor estava longe, porém já vinha para ti, é verdade que ele existe e que teu pai bem o conhece? Responda-me porque eu a amo e quero que seja minha esposa. Ela sorriu e respondeu:

- Não, não! Eu não tenho nenhum amor... Sinto uma grande saudade, que eu mesma não sei de quem, só sei que ele existe e um dia chegará e me levará para longe daqui. E, virando-se para mim, perguntou: - O senhor vem de longe, muito longe?

- Sim! (Respondi e perguntei) – E tu, tens coragem de casar-se comigo e juntos irmos embora?

- Sim, sim! (Respondeu ela) – Se és tu o meu amor, casar-me-ei e partirei; isto é, se papai e mamãezita consentirem. (e concluiu) – É verdade! Tu cantaste para mim. Porém não gostei, porque parecia que olhavas com ternura para Marinalva, aquela sirigaita(5) que eu não suporto... E tu também bateu palmas quando cantou a Maura. Sabe? Não gostei. Fiquei um pouco sem graça, quase com raiva e não quis mais cantar. Eu que já ia cantar uma canção tão linda para você. (e concluiu com firmeza) quando você quiser alguma coisa, peça para mim que eu mesma virei trazer-te. Pode dirigir-se a mim, ouviu? Não precisas pedir nada as outras moças. Eu mesma o atenderei.

E ao ouvi-la, pensei: Como é singular esta moça! Cada vez mais me sentia apaixonado por aquele anjo. Disse-lhe então: - Justininha, nada quero com estas moças. Estou apaixonado por você e quero casar contigo se teus pais consentirem. Amanhã irei embora, e marcaremos um dia para eu voltar e pedir-te em casamento...

Logo depois chegou o senhor Germano dizendo: - Meu rapaz, estás de parabéns, porque minha filha bem parecia um bichinho e, no entanto, pelo que vejo tornou-se sua amiga. Parabéns meu jovem, parabéns.

Sorri como resposta e fomos dormir.

No outro dia bem cedo, entramos em negócio do meditado gado, fiz o devido pagamento, juntei meus empregados e tudo ficou pronto para partir. Na hora da despedida, fui ter com os velhos. Senhor Germano contou-me então que tinha muitos anos ali e que sentia vontade de passear um pouco com a família. Foi então que ofereci nossa casa, ficando marcado assim: Logo que pudessem iriam passar uns dias conosco em nossa fazenda. Justininha veio ao curral despedir-se de mim. Disse-lhe que logo eles conheceriam também os meus pais. Ela saiu chorando e eu senti algo atravessar minha garganta a sufocar-me. Parti com meu povo, levando o gado que contava 500 cabeças. Passávamos por outros lugares, porém eu não tinha mais alegria. Meu coração ficara ao lado da pequena paraguaia. Os meus companheiros riam-se de mim dizendo: - A paraguaia parece que prendeu o coração do patrãozinho! Os outros sorrindo confirmavam: - É verdade, pelo que vemos vai ter festança em breve. E continuavam brincando comigo.

Na verdade eu já sentia ânsias de gritar aquele amor que me sufocava o peito. Notei então, que Zeferino estava como eu. Sentindo vontade de saber a causa de sua tristeza, fui ter com ele e ficando nós dois a sós, perguntei-lhe o que estava acontecendo. Ele baixou a cabeça e disse quase a chorar: - Tiãozinho, é verdade, gostei daquela crioulinha por nome Tianinha, que foi criada com Dona Guiomar. Não sei Tião, mas se eu não me casar com ela, morro de paixão. E sei que ela também morre.

Eu que tudo escutava fiquei boquiaberto. Resolvi então contar a minha situação pela linda paraguaia, e animei-lhe dizendo que tudo faria para vê-lo feliz. Ele ficou tão alegre que agarrando-se ao Bacamarte, mirou ao alto disparando um tiro de salva ao nosso colóquio. Sob o impacto do estampido, tivemos tanto susto que quase caímos de costas. Depois sorrimos ao vê-lo alegre a dizer: - Vou me casar com Tianinha, vou me casar! Convido a todos para o meu casório...

Depois daquele descanso, seguimos novamente nossa viagem.

Assim, sofrendo e brincando chegamos em casa. Minha mãe e meu pai já estavam preocupados e saudosos. Fizeram grande festa à nossa chegada. Fui então ter com Martinha, minha antiga namorada a qual muito surpreso me deixou. Nos meus dois meses de viagem, ela ficara noiva de outro...



Nos dias mais calmos eu ia contando aos meus pais tudo o que se passara na viagem, em casa do senhor Germano e até mesmo como nos tratou o bom senhor. Cheguei a contar que Zeferino pretendia casar-se com a Tiana, contando mesmo todos os pormenores. Meus pais ficaram então simpatizando com a tal família, a ponto de desejar sua visita.

Passara-se um ano e eu já não tinha paz de espírito, senão pensar na minha bela paraguaia. Zeferino começava a perder as esperanças. Foi então que chamei meus pais e pedi que mandassem um portador com um convite ao senhor Germano para vir passar o Natal conosco. Logo o mesmo partiu e ficamos à espera. Passados alguns dias, chegou a notícia que chegava toda a família Perez.

Eu estava em um dos currais quando quase sem fala, chega Zeferino correndo e agarrado em meus braços gritava e pulava: - Chegaram! Chegaram! Ela já estava lá em casa. Saí também correndo. Ao longe já se viam os animais parados à porta. Foram dias de grandes festas, os velhos ficaram muito amigos e tudo era alegria. Alguns dias depois foi celebrado o casamento de Zeferino e Tiana. Um mês depois também o meu. Ela vestida de noiva parecia o símbolo da pureza, porém os seus ciúmes eram os mais engraçados possíveis, todos riam dela.

Fomos morar em um retiro perto da sede da fazenda. Lembro-me bem que já estávamos com dois meses de casados e em uma das vezes que fomos visitar os meus pais, lá encontramos umas moças, minhas primas que vieram de Parnaíba visitar-nos. Justininha, ao vê-las ficou com raiva, dando suas birrinhas. Tive então que retirar-me dando desculpas, que não podia ficar ali por motivo de visitar Zeferino. Quando já íamos saindo minhas primas vieram ao meu encontro pedindo que não fosse. Porém, Justininha ergueu-se com um gestinho altaneiro e disse:

- Respeite, ouviram? Ele é meu esposo e quem manda sou eu. Por isso Sinhás Corujas, cheguem perto pra ver...

Depois, virando-se para mim falou: - E você, não gostou?

Fui até onde ela estava, peguei-a nos braços e dei-lhe um beijo, sorrindo daquela cena.

Sim, meus irmãos, quando amamos verdadeiramente, quando estamos com nossa alma gêmea, estamos com a mais doce das mulheres, e em geral aquelas são, aos nossos olhos as mais divinas e belas, originais! Por este amor perdoamos tudo, em recompensa do que nos traz. Éramos eternos namorados, porém seus ciúmes continuavam. Eu bem compreendia, a ponto de achar graça nos seus tão infantis caprichos. Já estávamos com cinco meses de casados quando resolvemos passear na casa de minha tia, onde eu estudara.

Tudo combinado, partimos. Todos em casa gostaram da idéia.

Com todas as recomendações dos velhos seguimos em direção à cidade de Parnaíba. Ao avistar o grande rio senti medo; porém nada disse. Entramos naquela embarcação, em meio ao rio senti que não estávamos seguros e segurei em meus braços o meu amor...

Senti a morte; porém, o resto foi tão repentino que não posso bem descrever. Depois desta perturbação escutei o grito de Justininha que me dizia:

- Tiãozinho! Saia de perto dessa Coruja. E virando-se para uma moça que estava ali junto, continuou: - Saia de perto do meu esposo, Sinhá Coruja! Ele é meu esposo, viu?

Vimos então, que a moça olhava ao longe aquela fatal Chalana(7). Sim, a Chalana que acabava de afundar nas águas do Parnaíba. Depois escutamos gritos de desespero... Olhamo-nos e bem compreendemos que não éramos mais deste mundo exterior. Sim, ali esperamos algum chamado para outras moradias.

Depois de algum tempo assistimos quando chegaram os nossos restos mortais. Justininha tudo reparava e ria achando graça de tudo. Porém, se alguma moça dizia qualquer coisa a respeito do meu cadáver, ela brigava e dizia coisas que me faziam rir. Tudo ali era novidade e motivo de riso para nós. Começava a escurecer e então comecei a temer. Que devia fazer? Ela parecia um passarinho, continuava junto a mim. Era o que me preocupava, sua inocência e sua confiança em mim a tirava de qualquer pensamento mau. Chamei-a e disse:



- Justininha! Somos Espíritos e o Mundo dos Espíritos me parece ser outro longe daqui. Vamos pedir a Deus para que nos mande um Guia seu, para bem nos guiar, pois não sabemos o caminho e temos que chegar até lá.

Ela começou a rezar a ladainha de Nossa Senhora. Eu sabia apenas a Ave Maria, que minha tia havia ensinado. Chegou então um Fidalgo(8) que disse chamar-se Netuno; porém, tivemos medo e não queríamos acompanhá-lo e então, começamos a sofrer de um lado para o outro. De quando em vez, nos apareciam aqueles Espíritos que mais pareciam bichos(9), vinham tentando nos agarrar, porém nós começávamos a chamar por Deus e na mesma hora eles se afastavam.

Já estávamos cansados de tanta perseguição, quando chegou novamente o Fidalgo e nos disse:

- Meus filhos! Sempre fui protetor de vocês e no entanto temem, pois se esqueceram de mim. Agora, escutem o que vou dizer-lhes... Nisso ia passando um casal de encarnados e ele então confirmou: - Sim! Vocês são Espíritos! Vou dar-lhes mais uma prova. Vá Tiãozinho, pegue Justininha e passem por eles, falou apontando o casal. Sim, lembro-me, passamos por eles, o casal apenas revelou sentir arrepios e continuaram caminhando. O período que passamos vagando começara a nos deixar em dúvidas quanto a termos ou não desencarnado.

Voltamos então ao nosso Instrutor e o mesmo disse:

- Agora vamos até onde está aquele pequeno grupo de senhores. Era um grupo de homens que conversavam animadamente sobre seus negócios materiais. Passaram-se alguns minutos (nós entre eles) e começaram a sentir-se mal. Um queixava-se de sua enxaqueca, outro dizia estar sentindo um grande peso nas costas... Enfim, se foram deixando-nos a sós. Eu então perguntei a causa daqueles transtornos naqueles senhores, que antes de nossa chegada pareciam nada sentir. Ele sorriu e nos disse:

- Quando vocês passaram pelo casal, tanto quanto em meio aos senhores, lhes foram fornecidos os necessários fluídos(10), força vital. E levando-nos a um certo lugar(11), continuou: Agora procurem ver o quadro dos seus feitos...

Foi então que tudo se clareou para nós. Não tivemos mais medo do nosso Protetor, e seguimos a um Plano de Readaptação(12).

Passamos então sob as exigências da Hierarquia Espiritual.

Hoje, após várias Missões, inclusive em nosso lar(12). Agora aqui estamos, integrados à Missão do Grande Seta Branca. Somos também Jaguares, junto a vocês, Mestre Sol e Mestre Lua, Doutrinador e Apará...

Salve Deus.

Com carinho,

A Mãe em Cristo Jesus.

Tia Neiva



NOTAS DO TEXTO

- (1) **Bacamarte** - Antiga espingarda de cano curto e largo;
 - (2) **Verbena** – Espécie de flor vermelha;
 - (3) **Madeira** – Porção de cabelo, mecha, trança;
 - (4) **Echarpe** – Faixa de tecido que as mulheres usam como adorno;
 - (5) **Sirigaita** – Mulher que sacoteia muito. Ladina. Tem resposta para tudo;
 - (6) **Chalana** – Pequena embarcação de fundo chato, costados verticais, proa e popa finas e iguais, usada no tráfego de pequenos rios e igarapés;
 - (7) **Fidalgo** – O Mentor Espiritual se apresentou ao casal com tipo de roupa (Indumentária) que lembrava Fidalgos na terra;
 - (8) **Pareciam bichos** – Espíritos Sofredores adoecidos, deformados;
 - (9) **Fluídos** – Fluído Magnético Animal, Força Vital, Ectoplasma;
 - (10) **Um certo lugar** – Tiãozinho não citou o nome, mas, são vários “pontos” no espaço com esta função, no caso da “nossa região” atual, essa espécie de contato é realizada num local por nome “Pedra Branca”. Lá o Espírito recém desencarnado fica normalmente 07 (sete) dias, onde tem contato com imagens daquilo que fez e, sobretudo, do que deixou de fazer quando encarnado;
 - (11) **Plano de Readaptação** – (Nosso Lar) Importante Casa Transitória do Mundo Espiritual, similar ao Canal Vermelho (Plano de Readaptação). Há inclusive uma obra literária muito conhecida, sob o mesmo nome, editada por Francisco Cândido Xavier, ditada pelo Espírito André Luiz;
 - (12) **Tiãozinho e Justininha** – Com o início da missão de Tia Neiva, Tiãozinho recebeu incumbências junto a ela, principalmente devido aos laços espirituais que os unem há séculos. Manifestava-se através da Clarividente de maneira alegre e simples, falando numa linguagem natural do interior de Mato Grosso, aparentemente simplório. Todos ficavam à vontade e ele alegremente ia proporcionando Mensagens, profundas lições de amor, batendo palmas, manipulando... Em Capela (*) seu nome é **STUART**, um Engenheiro Sideral. Tem o Comando de sua própria Nave (**) e é responsável pela “Torre de Desintegração”(***). A história registrada nesta pequena obra, narra sua última encarnação neste planeta, quando reencontrou-se com Justininha, sua Alma Gêmea, e pouco tempo depois do casamento, morreram afogados no naufrágio de uma balsa.
- (*) **Capela** – Planeta Mãe, Origem;
(**) **Nave** – Nave que vem de Capela (Amacês, Estufas, Chalanas);
(***) **Torre de Desintegração** – Localizada “num ponto do espaço”, onde tanto os Espíritos (Capelinos) quanto suas naves, por ali passam, desintegram sua condição molecular natural, passando para “Matéria Etérica”, assim operando entre nós.

